



**Responsabilidade
com BNDES, pede
senador Wilder Moraes**

**“Congresso em foco”
escolhe os melhores
parlamentares do ano**



CERRADO

Goiânia, SEGUNDA-FEIRA, 11 de setembro de 2017

[f](#) [i](#) [t](#) /wildermorais

**O MESTRE
DA CIÊNCIA
POLÍTICA**



CULTURA / LIVRO

Ciência por trás da arte da política

FOTO: portaltransformicebra.blogspot.com.br



J.C. GUIMARÃES

Nicolau Maquiavel foi um homem excepcional, a lembrar a impiedosa sentença de Nietzsche: "A humanidade é um rodeio da natureza para criar cinco ou seis grandes homens. Sim, para depois desprezá-los!". Segundo este conceito insultante, a economia natural é extremamente lenta e seletiva: a maioria dos homens seria o bagaço dispensável de um processo inevitável de separação entre o esquecimento e a memória. A seleção genética reforça a ideia de uma natureza como circunlóquio, embora, talvez, o desprezo do homem comum pelos luminas derive menos de uma escolha, conscientemente deliberada, que da alienação que lhe é imposta. Nem por isso a evidência deixa de ser acapachante: os indivíduos realmente grandes são em número bem reduzido. Nesse aspecto, a distinção entre natureza e cultura é extremamente limitada, uma vez que as duas categorias coincidem essencialmente.

Apenas uma minoria de

tantos políticos, filósofos, artistas e cientistas tiveram a capacidade de gravar o seu nome na memória da humanidade, assumindo perante nossa percepção uma substância incorpórea.

Trata-se daqueles indivíduos para os quais olhamos e duvidamos que tenham sido algum dia de carne e osso: são estampas de livros, estátuas, parte fundamental da cultura humana; espécie de virtualidade às avessas, referente ao passado. Associam-se intimamente à necessidade; nos termos idealistas de Emerson ou Carlyle, seriam de algum modo a História, razão pela qual chegamos a duvidar justamente de sua existência mesquinha, individual como a nossa – a do copioso homem comum. Apenas o seu legado, que ainda nos instrui, garante que pisaram o mesmo chão que pisamos, propiciando um estímulo adicional à nossa vida, substancialmente medíocre em relação à deles.

De tudo isto fica a lição de que a história é um espetáculo coletivo, em que uns, mais que

outros, tomam parte significativa. É o caso de Maquiavel, menos por suas ações que por suas ideias.

Chanceler e magistrado, ele nasceu em 1469, em Florença. A cidade era, nessa época, o mais influente centro cultural de todo o Renascimento, onde nasceram também Dante Alighieri e Galileu Galilei. Foi o auge do humanismo, quando os vínculos com a tradição clássica foram esplendorosamente reafirmados e, num gesto de humildade nada cristão, os novos sábios curvaram-se reverentes aos ensinamentos de gregos e romanos. Na Europa ocidental esse período coincidiu com o impulso sócio-econômico decisivo para a formação do Estado moderno, da maneira centralizada que o conhecemos hoje. Por isso Maquiavel, favorecido pela nacionalidade, ainda pode testemunhar a última fase daquelas formas fragmentárias de organização político-administrativas criadas na Idade Média.

A situação da Itália – realidade geográfica mas não ainda política, segundo Hilário Franco Júnior (A Idade Média, o nascimento do

Ocidente) – era mais atrasada do que a dos vizinhos que recrudeceram as hostilidades contra ela. O primeiro a pensar seriamente a respeito da unificação foi Júlio II, papa entre 1503 e 1513, no entanto lá, tanto quanto a da Alemanha, ela só se deu em 1871. É possível que a disparidade entre os dois movimentos históricos, assim configurada, tenha facilitado as invasões estrangeiras na península, atraindo para o seu território as campanhas militares da França e da Espanha, durante a emergência do Absolutismo. O quadro interno contrastava com as transformações que ocorriam entre os vizinhos porque o país continuava dividido em pequenos reinos, que em História medieval Jacques Heers chamou de "estados urbanos", todos eles dominados por famílias influentes da burguesia comercial e mercantil.

Um desses estados era Florença, onde Maquiavel exercia importantes funções burocráticas, num dos momentos mais fecundos do espírito humano. Mais ou menos na mesma época Michelangelo exe-

cutava os imponentes afrescos da Capela Sistina, em Roma (isto é, entre 1498 a 1512, intervalo que separa o fanatismo administrativo de Savonarola da nova república dos Médici, que reintegra o secretário às suas atividades ordinárias). Componente do governo deposto pela Dieta de Mântua, Maquiavel foi expulso da cidade e concebeu no exílio, entre pessoas humildes, sua principal obra e um dos livros fundamentais do pensamento moderno, O príncipe (tradução de Antonio Caruccio-Caporale). A coincidência com Dante Alighieri é tremenda, resurgindo da desgraça como um autêntico twice-born.

Em Inteligência de Maquiavel, Otto Maria Carpeaux referiu-se a este livro como um compêndio de "leis do comportamento humano". Enquanto síntese nomotética, O príncipe seria então obra científica, uma vez que não se ocupa de conclusões morais: ela apenas pergunta "como", restringindo-se a "descrever" a ação dos poderosos, que o autor conheceu dos livros de história e da prática diplomática. O antiidealismo de Maquiavel (portanto seu realismo) forneceu a mais unânime definição de política dos últimos cinco séculos, e o fez com tamanho acerto, creio eu, por causa de um detalhe fundamental: o método.

Segundo os Ensaios críticos, de Francesco De Sanctis, Maquiavel acreditava que "na história não temos nem fortuna nem azar, mas algo imanente: as facultades da natureza humana." É o mesmo entendimento de um terceiro intérprete, Carl J. Friedrich: "Na opinião de Maquiavel, os materiais usados na grande obra de arte que era o Estado eram os seres humanos." (Uma introdução à teoria política). Por isso lemos Maquiavel e descobrimos, página após página, que o pensador investigou primeiro a natureza íntima dos homens, chegando daí a luminosas conclusões políticas. Ele não partiu de uma abstração conceitual chamada "política", a exemplo do que fez Max Weber... (Cont.)

ESTE ENSAIO pode ser lido na íntegra em "Uma idade para ser eterno" (2015), de J.C. Guimarães

INVESTIGAÇÃO

Responsabilidade com BNDES, pede senador Wilder Morais



WELLITON SILVA

Uma série de investigações e denúncias tem colocado injustamente o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) no banco dos réus. Suspeito de ser base do epicentro de desvio de recursos públicos investigados pela Operação Lava Jato, o banco é hoje o patinho feio das instituições fomentadoras do empreendedorismo brasileiro.

O senador Wilder Morais (PP-GO) lembrou que é preciso investigar qualquer denúncia referente aos atos administrativos e de gestão das pessoas envolvidas, mas jamais se esquecer de que a instituição deve ser preserva-

da. “O banco é um patrimônio nacional. Ele não tem culpa de nada”.

Ao “Cerrado”, Wilder recorda as origens do BNDES: “O banco foi criado ainda no segundo governo de Getúlio Vargas e se revelou ao longo do tempo em histórico fomentador do desenvolvimento nacional, com aportes em diversos estados, inclusive nosso estado, Goiás”.

Daí a necessidade de proteger a instituição das gestões temerárias e criminosas, mas jamais punir a pessoa jurídica e o segmento que precisa dele para empreender. Wilder lembra que é missão do BNDES “contemplar financiamentos de longo prazo e ofertar

custos competitivos”. Logo, as taxas e mecanismos de crédito devem ser atrativos. “Não estamos lidando com um banco qualquer. É o banco responsável por dinamizar a economia. É um dos grandes legados da época de ouro proposta por Getúlio”.

Wilder diz que o uso do crédito para a modernização de parques industriais é uma das mais importantes ações da política econômica de estado. Conforme o senador da República, os projetos de investimentos aliados de atualizações tecnológicas e comercialização de máquinas e equipamentos novos causam impacto nas exportações brasileiras.

As investigações sobre as relações do banco com a empresa JBS e outras denunciadas trouxeram grande instabilidade. Mas é preciso manter a calma, diz Wilder. O parlamentar afirma que o BNDES já tem sido esmiuçado por vários parlamentares e que em 2016 ele foi objeto de ampla e irrestrita comissão parlamentar. “O relator José Rocha (PR-PA) apresentou estudos e investigações referentes às denúncias apresentadas aos parlamentares e que visam apurar supostas irregularidades envolvendo empréstimos do BNDES entre os anos de 2003 e 2015. Ele sugere mudanças na governança do BNDES. Não podemos é agredir a

imagem do banco, imputando ao banco todos os problemas de corrupção do país”.

ECONOMIA

Wilder disse que a empresa pública federal tem acreditado em projetos de vários segmentos da economia que tenham âmbito social, regional e ambiental.

Para o senador, a saúde financeira do país dependerá da moralização das práticas do banco e democratização do acesso. Em outras palavras: o banco precisa de nova postura. Mas tem a missão de manter sua agenda positiva, que é fomentar o crédito e tornar o Brasil mais desenvolvido.

DIVULGAÇÃO

Diário do Norte

DE 11 A 16 DE SETEMBRO DE 2017

Nota publicada em O Popular indica que chapa para 2018 está fechada



Uma nota publicada no sábado em O Popular mostrou que a base aliada está com a sua chapa majoritária praticamente definida. Zé Eliton governador. Marconi e Wilder Moraes (foto) serão os nomes ao Senado. Falta escolher o vice e os suplentes ao Senado. Na nota, um palaciano teria dito que um pretendente à vaga na chapa tem votos, mas também forte desgaste junto à opinião pública. Não citou nomes, mas o recado era claro para a senadora Lúcia Vânia, que evitou participar da maioria dos eventos do Goiás na Frente na maioria dos municípios.

O Prêmio Congresso em Foco seleciona os melhores parlamentares do ano.

Participe!

senador
Wilder



congressoemfoco.com.br/votacao-premio-2017